

# PSICOGEOGRAFIA EM PELOTAS (RS): AMBIÊNCIAS DA ÁREA CENTRAL

**Theo Soares de Lima**

Doutor em Geografia (UFRGS)

E-mail: theolima@gmail.com

**Mária Bruna Pereira Ribeiro**

Doutora em Geografia (UFU)

E-mail: mapereiraribeiro@gmail.com

## RESUMO

Em pesquisa anterior teve-se a oportunidade de trabalhar com o movimento Internacional Situacionista, suas principais contribuições para práxis urbana, bem como sua proximidade com a Geografia. Em momento subsequente foi possível adensar a discussão, propondo uma metodologia de pesquisa psicogeográfica. Aqui cabe retomar esses trabalhos, aplicando-os ao bairro Centro Histórico da cidade de Pelotas/RS. Além disso, são abordados dados institucionais, em particular o Plano Diretor, permitindo uma integração entre a área de planejamento e sua crítica, as duas dimensões que importam para a presente investigação. O presente trabalho é finalizado com a apresentação da parte empírica, com as descrições do bairro a partir dos trabalhos de campo, bem como constam imagens dos locais mencionados. Consta, ainda, a elaboração de um corema, ferramenta de representação espacial que ajuda a demonstrar a dinâmica de funcionamento interno e externo da localidade em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Internacional Situacionista; psicogeografia; ambiência; deriva; corema.

85

## PSICOGEOGRAPHY IN PELOTAS (RS), DOWNTOWN AMBIENCIES

## ABSTRACT

In previous research we had the opportunity to work with the International Situationist movement, its main contributions to urban praxis, as well as its proximity to Geography. Subsequently, it was possible to deepen the discussion, proposing a psychogeographical research methodology. Here it is worth resuming these works, applying them to the Historic Center neighborhood of the city of Pelotas/RS. Furthermore, institutional data are discussed, in particular the Master Plan, allowing an integration between the planning area and its criticism, the two dimensions that are important for the present investigation. This work ends with the presentation of the empirical part, with descriptions of the neighborhood based on fieldwork, as well as images of the places mentioned. It also includes the development of a corema, a spatial representation tool that helps demonstrate the internal and external functioning dynamics of the location in question.

**KEYWORDS:** International Situationist; psychogeography, ambience, derive, chorema.

## INTRODUÇÃO

Ainda na década de 50 e 60 do século passado, especialmente na França, efervesceram movimentos sociais de cunho artístico. Estes questionavam desde a maneira com que se entendia e analisava diferentes linguagens até como a chamada alta cultura na verdade servia como instrumentos

de desigualdade social e de separação das diferentes camadas sociais por seus gostos (algo que tempos depois Pierre Bourdieu chamou de espaço social e em particular de *habitus* (Bourdieu, 2013)).

Um desses movimentos chamou-se Internacional Letrista, que, posteriormente, transformou-se em Internacional Situacionista (IS). A passagem de um movimento ao outro não foi apenas transição de nomenclatura, mas especialmente transição qualitativa. Da crítica da arte e dos espaços de difusão artística, tomando a esteira do pensamento lefebvriano<sup>1</sup> (com quem, inclusive, tiveram contato pessoal e de fato marca um ponto de virada em suas discussões e práticas), eles passam a entender a própria cidade como obra de arte. Expandem não só a concepção de um acesso popular a amostras e museus, por exemplo, como entendem que os mais diversos espaços da urbe se prestam a ser “espaços de arte” (como praças ou galpões públicos). Além disso entendem que a cidade como um todo é fruto de produção artística, enquanto obra coletiva.

No presente artigo é feito o resgate de pesquisas anteriores que já resumiram tal histórico, permitindo-nos agora apenas retomá-lo sem ter que refazê-lo. O mesmo pode-se dizer das noções e conceitos mobilizados pela IS. Cabe destacar que entendemos aqui uma diferença de precisão entre os primeiros e os segundos. Noção é algo abrangente e menos operacional. Enquanto conceito é justamente o contrário, algo mais específico e aplicável. A força do conceito deriva, inclusive, da sua capacidade explicativa: tão mais forte é um conceito quanto é sua capacidade de dar sentido ao fenômeno analisado.

No primeiro momento deste artigo é feito o descrito no parágrafo anterior. A parte seguinte é destinada a resgar os diferentes trabalhos realizados a partir do aporte teórico e prático dos situacionistas. A terceira e última parte destina-se ao desenvolvimento de trabalho de campo, utilizando do arsenal teórico mobilizado na parte I, e do aspecto prático, mobilizado na parte II, para realizar análise psicogeográfica da região central da cidade de Pelotas (RS) e apresentar os resultados de tal investigação. A conclusão destina-se àquilo que enuncia, encerrar o artigo amarrando as três partes e apontando os próximos passos.

## **PARTE I — INTERNACIONAL SITUACIONISTA, URBANISMO UNITÁRIO, PSICOGEOGRAFIA E AMBIÊNCIAS.**

O século XX foi de intensa movimentação artística e cultural. Foi o século em que se pode experimentar o dadaísmo, o expressionismo, o futurismo, o cubismo. Também são frutos de tal século

<sup>1</sup> Quando dizemos lefebvriano estamos nos referindo ao que foi produzido por Henri Lefebvre, filósofo de origem francesa e um dos mais importantes do século XX. Ver, em particular, “La producción del espacio” (Lefebvre, 2013).

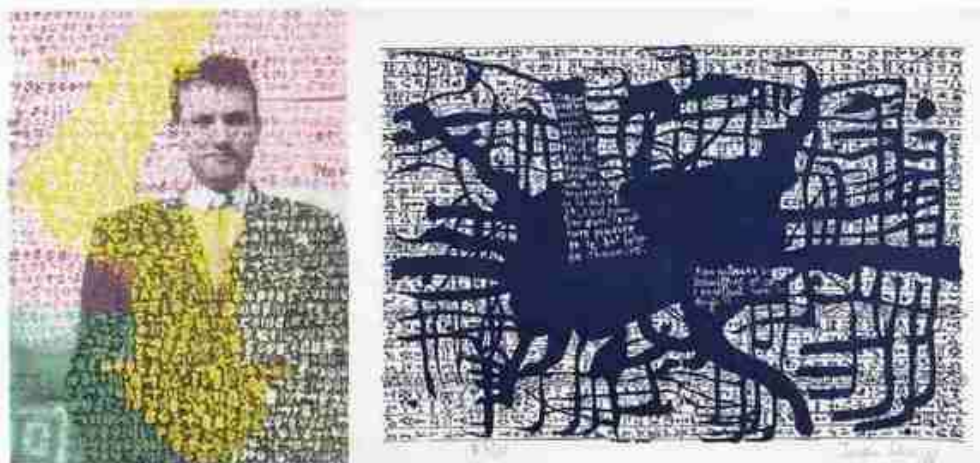
a *op* e a *pop art*. Estas últimas características da década de 1960, justamente quando do ativismo social aqui em tela, os situacionistas. Enquanto a *op art* buscou mexer com o espectador a partir da ilusão (*op* vem de *optical*, óptico ou visual), a *pop art* pretendeu causar modificação através da cultura de massa, por meio de símbolos reconhecíveis por todos. Neste sentido, o quadro “Díptico Marilyn”, famoso por mostrar a atriz Marilyn Monroe em diversas cores, é possivelmente o maior exemplo de tal momento artístico. Pois bem, não só a época é partilhada pelos *situs*<sup>2</sup> e a *pop art*, é também seu enfoque. Eles foram um ativismo essencialmente engajado com o que o cotidiano produz, e também em como produzir a partir dele e com ele. Cotidiano que se expressava, naquele momento, pela consolidação de grandes nomes, de grandes marcas, de grandes signos de conquista social e de sucesso, de pasteurização da vida vendida pelos aparelhos de TV ao redor do globo.

Todavia, devemos dar um passo atrás, para falar do ativismo situacionista e sua origem. Tal enriquece o cenário e ajuda a explicar algumas concepções desenvolvidas e almejadas por eles.

A primeira coisa importante de frisar é que os situacionistas estão alocados em um movimento maior de críticas artísticas e de agitação cultural. É necessário, portanto, falar dos *letristas*. O Movimento Letrista e a Internacional Letrista são decorrência um do outro. O primeiro é de origem de Isidore Isou, artista romeno que declarou a *hipergrafologia*, reorganização disciplinar a partir da linguagem e do signo (Home, 2004). Sua intenção era de ser resposta ao Surrealismo, que cada vez mais se afastava do Dadaísmo e se encaminhava para o misticismo. O lettrismo (que, vale dizer, pode ser também encontrado grafado com dois “T”, por sua origem francesa *Lettrisme*) visou produzir poemas reduzidos a sua forma mais básica, as letras, que posteriormente se tornaram imagens. Conforme podemos observar em suas obras, as letras são usadas para criar formas, através do que ficou conhecido como *hipergráfico* ou *metagráfico*. As produções abaixo (Figura 1) ilustram perfeitamente tal situação. À direita um autorretrato, coberto de letras coloridas, enquanto à esquerda um exemplar de *hipergráfico*, com as letras e manchas formando uma aparência de sistema viário.

<sup>2</sup> *Situ* é ao mesmo tempo um apelido e um diminutivo de situacionistas. Passaremos a utilizar assim o termo daqui em diante.

**Figura 1** - As produções letristas de Isidore Isou



Fonte: [www.wikiart.org](http://www.wikiart.org)

Um importante nome dos situacionistas já estava aqui presente, Guy Debord. Por desavenças políticas, as quais Debord colecionou sua vida inteira, alguns integrantes do movimento rompem com Isou e acabam por fundar a Internacional Letrista, berço do “situacionismo”<sup>3</sup> e legado de suas principais ideias, ainda que de maneira incipiente.

A passagem realizada pelos integrantes não foi meramente mudança de nomenclatura e afastamento pessoal de Isou, mas efetiva emergência de algo novo. A crítica da arte começa já aí a transitar para crítica da cultura, entendida de maneira singela aqui enquanto manifestação geral de um modo de viver, ou daquilo que eles denominaram posteriormente de “economia espetacular mercantil” (Debord, 2002). É desta “primeira Internacional” (afinal os situacionistas mantiveram o caráter global em sua nomenclatura) que emergem as noções de psicogeografia e de situação e onde começam os interesses pelo urbanismo.

A “segunda Internacional”, a Situacionista (IS), é fundada em 1957 e carregará, apesar dessas nuances que já se apresentam, fundamentalmente o caráter artístico. É nesse sentido, inclusive, que a IS será definida por dois momentos, praticamente como uma “terceira Internacional” que as diferencie. Da crítica da “alta cultura”, das exposições em galerias e arte para ser apreciada apenas pelos que têm capital cultural para tanto, os *situs* passam para crítica da cidade enquanto obra de arte. Tal se parece muito com a noção trazida por Henry Lefebvre em “O direito à cidade” (Lefebvre, 2001). Pois bem, não é coincidência, haja vista que o próprio se encontrou com o movimento e sobre ele causou tamanha influência. O espaço da crítica, assim, extravasa das galerias para as ruas.

<sup>3</sup> Utiliza-se aqui de aspas pois os próprios rejeitavam ser enxergados como mais um “ismo”, seja enquanto doutrina, seja enquanto dogma (Baderna, 2002, p. 20).

Tal extravasamento é significativo na participação que terão no movimento estudantil francês ao final da década de 60, quando, sob encomenda, produzem um texto que causa agitação nos centros acadêmicos de diversas universidades do país<sup>4</sup>. Tal agitação acabará por desembocar no evento histórico conhecido como Maio de 68. Diz-se até mesmo que a célebre frase “sejam razoáveis, demandem o impossível”, que ocupou inúmeros muros da cidade de Paris, é uma frase situacionista.

Resumo da ópera: a IS teve duração de doze anos, um total de setenta integrantes de dezesseis nacionalidades diferentes, deixou legado mundialmente conhecido, em particular pela noção de *sociedade do espetáculo*<sup>5</sup>, e esteve envolvida (ainda que se discuta a dimensão dessa influência) com um dos principais movimentos contestatórios de sua época e certamente o mais icônico da França na segunda metade do século XX. Além disso, legaram-nos diversas ideias que permanecem extremamente frescas nos dias atuais e que continuam a ecoar nos dilemas encontrados na cidade moderna e modernizante que eles tanto criticaram. Ainda que breves em sua duração, e por vezes turbulentos em sua própria organização interna (muito disso devido à personalidade centralizadora e personalista de Guy Debord), sua potência é admirável e profícua.

Feita esta breve exposição histórica, que seguramente possuiria caldo para mais caso fosse nosso intuito<sup>6</sup>, cabe desenvolver os conceitos e práticas que são tão característicos desse movimento de agitação da contracultura. A melhor obra traduzida para o português, que nos dá acesso à construção de sua *práxis*, é de organização de Paola Jacques, “Apologia da deriva” (2003). Esta coletânea nos traz os principais textos da IS, diretamente da revista homônima organizada pelos próprios.

Conforme exposto, os *situs* passaram de críticas artísticas à crítica da cultura de maneira geral. Em sentido amplo isso quer dizer criticar o modo de produção contemporâneo, já em sentido particular significa focar na cidade e sua vida urbana, que já se mostrava espaço predominante de ocupação da humanidade sobre a superfície terrestre.

O momento histórico que envolve a vivência situacionista, em termos de urbanismo, é o forte legado deixado pelo modernismo e seu principal expoente, Le Corbusier. A perspectiva trazida por essa vertente é a de uma cidade dividida, planejada amiúde em sua planta e funcional em seus usos. Para cada local uma atividade, onde se dorme não se trabalha nem se consome, é assim que a *cidade*

<sup>4</sup> Este é o “Miséria do movimento estudantil” (2002 [1966]), não assinado por nenhum membro específico da IS, mas sabidamente revisado por Debord (Baderna, 2002).

<sup>5</sup> Há muitas discussões envolvendo os sentidos de tal noção, em particular sobre o livro homônimo de Guy Debord. Para uma contribuição sobre ver Soares de Lima (2011, 2015).

<sup>6</sup> Além de nossos próprios esforços já realizados (Soares de Lima, 2011, 2015, 2016b), recomenda-se, para um trabalho marcadamente histórico do movimento, ver Grossman (2006).

*ideal* (Souza, 2011) pensa a vida citadina. Cada fragmento desses ligado por vias expressas de intensa circulação em automóveis individuais, que expressam não só a predominância do privado no funcionamento cotidiano como realçam a automação da experiência espacial.

A resposta *situ* para esta celeuma é, a bem da verdade, bastante simples, direta e diametralmente oposta ao Modernismo. Em vez do carro impessoal a corporeidade da caminhada. Em vez da fragmentação o urbanismo unitário. Em vez da funcionalidade asséptica a psicogeografia dos comportamentos.

Começemos pelo Urbanismo Unitário, haja vista que ele contém as outras facetas. Este é definido como “emprego conjunto de artes e técnicas que concorrem para a construção integral de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento” (IS, 2003c [1958], p. 65). Fica evidente que tal definição é resposta óbvia aos pressupostos da Carta de Atenas (Le Corbusier, 1993), onde as separações funcionais aparecem como cerne do projeto moderno. É necessária uma “construção integral” dizem eles, ou seja, que rompa com a fragmentação dos usos separados. Um urbanismo, portanto, *unitário*. Em sentido radical eles pensavam que o espaço da cidade deveria chegar ao momento de completa dissolução das “fronteiras” entre diferentes bairros e localidades, levando à desorientação total pela imersão sensorial da urbe enquanto conjunto. Evidente que do ponto de vista prático para funcionamento de uma megalópole, por exemplo, isso se torna assaz impraticável, mas a crítica radical não busca ser palpável, mas, muito mais importante, causar modificação e inquietação intelectual. É preciso causar estranhamento.

Para que tal urbanismo pudesse ser minimamente efetivado, ou para que algum nível de contestação séria pudesse emergir da análise do espaço urbano moderno faz-se necessário investigar tal fragmentação. Entender seus efeitos nos comportamentos hoje para que possam ser alterados amanhã. É preciso investigar, então, como esses efeitos se manifestam na paisagem citadina e na própria construção dos lugares urbanos, desde os espaços de pertencimento mais infinitesimais de cada indivíduo que habita a cidade.

À investigação que permitiria isso denominaram *psicogeografia* (IS, 2003c, p. 65). É este o estudo dos efeitos do meio urbano sobre os comportamentos. Mas como realizá-la, qual sua ferramenta operacional? A isto, por sua vez, denominaram *derivas*, uma “superação passional pela rápida mudança de ambiências, ao mesmo tempo que um meio de estudo da psicogeografia” (Debord, 2003 [1957], p. 56).

Derivar, portanto, possui duplo sentido. O primeiro, e até mais importante porque realizável e desejável para todos, é uma proposta de comportamento rotineiro, deixar-se levar pelos empuxes da



rua, pelas vontades de exploração do terreno, reconhecer o meio a partir de sua investigação empírica, atravessar o tecido urbano desde dentro em vez de reconhecê-lo apenas através do olhar de sobrevoo (Souza, 2011) das plantas cadastrais e dos planos da cidade ideal.

O rompimento umbilical aqui se dá com uma ideia central da fragmentação, de que o deslocamento urbano é fundamentalmente um sair daqui e um chegar lá. Derivar não supõe chegar a lugar algum, pelo menos não de antemão. Ao contrário, como diz a expressão popular, é preciso perder-se para encontrar lugares que não podem ser encontrados. A deriva situacionista propõe, assim, uma relação com a cidade que seja primordialmente existencial, de se deixar submergir na escala 1:1, que é proporção vivida pelo corpo na dimensão da rua (Cesar, 2008), uma proporção de “tamanho real”.

Dizemos que esse primeiro sentido é mais importante porque é rompimento necessário a todos, e experienciável por todos, independente do aporte teórico que cada um possua. Todo cidadão é capaz de a realizar por seu bel prazer. Nada melhor para conhecer um novo bairro que se deixar vivê-lo em sua própria dinâmica. Contudo, para mudar tal ambiente para melhor é preciso investigá-lo e aí adentra a psicogeografia, onde a deriva torna-se ferramenta metodológica e não simplesmente atitude experimental.

A deriva enquanto método ajuda a evidenciar algumas coisas e estas definem os diagnósticos propiciados pela psicogeografia. A primeira delas é a área denominada *ambiência*, o “elemento mais reduzido do urbanismo unitário” (Debord, 2003, p. 55). Espaço de vivência dos habitantes, é resultado entre os usos e a expressão física de tal espaço. Uma rua formada de construções coloniais de baixa verticalidade é uma ambiência muito diferente de uma rua composta por arranha-céus espelhados servindo de escritórios. A *atmosfera psíquica* é radicalmente diferente e facilmente percebida. Assim, a psicogeografia opera primeiramente definindo uma área de estudo por sua ambiência geral (o sentimento vivenciado aliado ao substrato material), donde se pode internamente encontrar outras ambiências internas (não se precisa, pelo contrário, que essa área geral seja homogênea para ser definida). O segundo aspecto de investigação procurado é evidenciar os eixos de conexão, como tal área é acessada externamente e como os fluxos internos lhe dão movimento. Tais constatações ajudam a entender a configuração da área e seu funcionamento. Por fim, os dois primeiros aspectos nos levaram a identificar a presença (ou mesmo sua ausência) de *placas giratórias*<sup>7</sup>, locais de intensa agremiação dos passantes bem como resulta em sua dispersão. Um terminal de linhas de ônibus, por

<sup>7</sup> Tradução direta de *plaque tournante*, termo francês que designa as placas presentes em ferrovias, que, ao serem giradas, conectam diferentes ramais de destinação dos trens.

exemplo, funciona exemplarmente como placas giratórias, pois exercem enorme força centrípeta e centrífuga simultaneamente. Praças também parecem exercer enorme capacidade de agregação/dispersão (Soares de Lima, 2015).

Estes três aspectos, por conseguinte, são guias de qualquer perspectiva psicogeográfica. É preciso caminhar pelo espaço para delimitar as ambiências, mapear os fluxos e plotar as placas giratórias. Tal é a “santíssima trindade” da pesquisa situacionista.

## PARTE II — REGIONALIZANDO AMBIÊNCIAS

Em pesquisa anterior (Soares de Lima, 2015) foi possível realizar uma investigação psicogeográfica do Centro Histórico de Porto Alegre (RS). Agora é dada a hora de fazer o mesmo para outra localidade. Naquele momento utilizar da capital gaúcha serviu mais como “bode expiatório” que como estudo de caso. Explica-se. O intuito maior era desvendar a própria proposta situacionista, explorar suas potências e limitações. O bairro central da cidade serviu como meio para um fim. Aqui o pretendido é diferente, uma vez que aquilo pretendido lá já foi realizado, como também foi desenvolvido em outros escritos, dando-lhe, inclusive, maior suporte e densidade, através da proposição da noção metodológica de *região-ambiência* (Soares de Lima, 2016a). Esta guia a presente exposição, ao ter tornado operacional o que foi anteriormente explorado de maneira mais intuitiva e experimental.

Conforme escrevemos outrora, a delimitação de ambiências não deixa de ser, e, na verdade, é em sua essência, um ato de regionalizar o espaço urbano, de recortá-lo de acordo com características homogêneas a cada área e de acordo com uma concepção definitiva (da própria ambiência). Visando organizar esse esforço foram propostos alguns pontos a se considerar para realizar a regionalização das atmosferas psíquicas da cidade.

Primeiro é necessário dizer que “a delimitação de ambiências calca-se na materialidade do mundo” (Soares de Lima, 2016a, p. 240). As derivas se realizam sob um substrato palpável e compartilhado por todos, ainda que percebido com diferentes nuances. Podemos sentir uma área de maneira distinta de outra pessoa, mas dificilmente discordaremos do número de andares de um prédio.

Segundo, é preciso reconhecer que “a delimitação de ambiências depende do indivíduo que a efetua” (Soares de Lima, 2016a, p. 241). Como recém-dito, pessoas diferentes percebem diferencialmente os mesmos espaços. E não devemos eliminar tal particularidade, ela é fruto de uma rica multiplicidade de interpretações. O que não podemos, portanto, é ignorar o aspecto individual



dos sujeitos envolvidos nem sobrepô-los ao que a materialidade impõe. É necessário não negar o sujeito nem dotá-lo de soberania subjetiva ensimesmada.

Terceiro, “a delimitação de ambiências depende das existências compartilhadas” (Soares de Lima, 2016a, p. 241). Ou seja, ninguém experiencia o espaço sozinho. Ainda que se parta de um indivíduo este não está isolado, partilha dessa eterna condição de viver com os outros. O derivante nunca está solitário nem percebe somente por conta própria.

Quarto, “a delimitação de ambiências requer viagens investigativas” (Soares de Lima, 2016a, p. 241). Esta foi ideia desenvolvida com maior vigor anteriormente<sup>8</sup>, mas pode ser resumida de maneira simples. Uma viagem investigativa é se permitir realizar um trabalho de campo que seja atitude de entrada no espaço investigado. Não somente viagem como entendido pelo turismo nem investigação positivista, que ausenta o sujeito do processo. Uma viagem investigativa é se deixar submergir na paisagem, absorvê-la em toda sua magnanimidade.

Quinto, e último, “a delimitação de ambiências é uma interação multiescalar” (Soares de Lima, 2016a, p. 243). Ao investigar uma área nunca se está investigando de maneira isolada, em si mesma e por si própria. Toda área possui ligações para além de si, especialmente se pensamos no sentido legado pela obra miltoniana<sup>9</sup>, de que o global se realiza nos lugares, acumulando seus feixes numa localização (Santos, 2008). Para entender uma ambiência é preciso compreendê-la localmente, mas também em extrapolação.

Estes cinco aspectos de delimitação da *região-ambiência*, conjuntamente com os aportes legados pelos situacionistas e os desbravamentos realizados ao analisá-los, permitem-nos organizar uma agenda de pesquisa prática e possível de ser operacionalizada enquanto método de investigação. Ou seja, pode ser engendrada por distintos sujeitos que sigam tais pressupostos, assim chegando se não ao mesmo resultado em algo muito próximo. Adentrar o espaço do Centro Histórico de Pelotas (RS) nos permitirá reforçar tal empreitada.

### PARTE III — PSICOGEOGRAFIA DO BAIRRO CENTRO HISTÓRICO DE PELOTAS (RS)

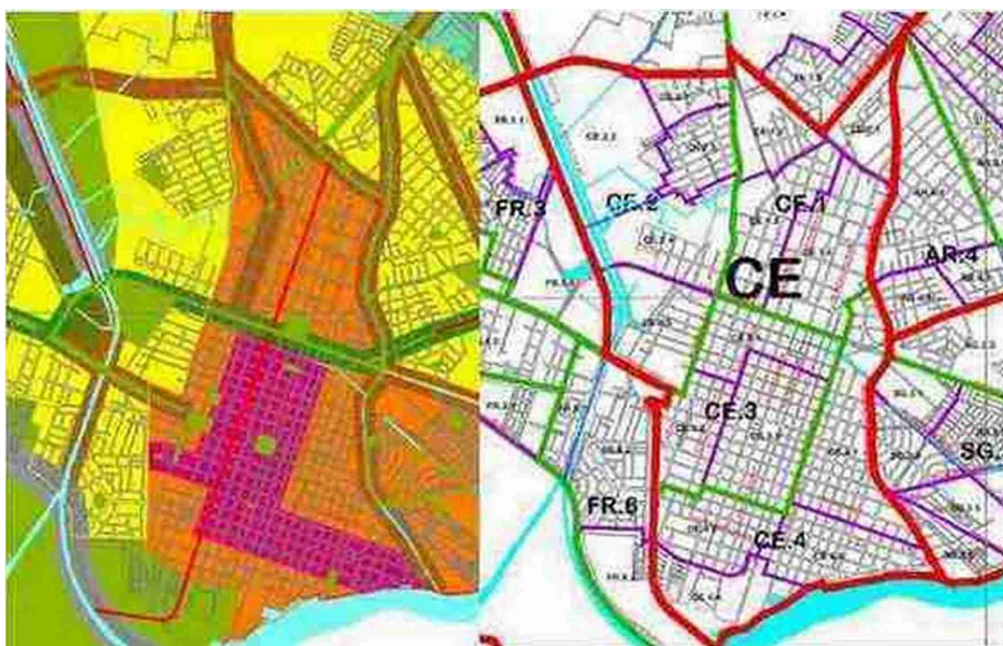
O Centro de Pelotas pode ser entendido, primeiramente, enquanto uma unidade administrativa do Plano Diretor da cidade, atualizado pela Lei 6636/2018. De acordo com o artigo 47, da mesma lei, tais unidades compõem o total de sete macrorregiões, sendo elas Centro, Fragata, Barragem, Três

<sup>8</sup> Para tal, ver “Sobre derivas, coremas e paisagens” (Soares de Lima, 2016b, p. 215).

<sup>9</sup> Assim como lefebvriano diz respeito ao produzido por Henri Lefebvre, miltoniano diz respeito ao pensamento de Milton Santos, o mais importante geógrafo brasileiro, inclusive tendo recebido o prêmio Vautrin Lud, espécie de Nobel da disciplina.

Vendas, Areal, São Gonçalo e Laranjal. Esta é a divisão legal da cidade, que ainda conta com uma subdivisão de 29 mesorregiões de planejamento e 109 microrregiões de informação. O Plano Diretor também ilustra, conforme exposto no mapa temático “U01 - Modelo Urbano” e constante na sua ficha cadastral, “ideias forças norteadoras da elaboração do III Plano Diretor”.

**Figura 2** - Recorte do mapa Modelo Urbano (esq.) e do mapa Sistema de Territórios (dir.)



Fonte: Prefeitura de Pelotas, 2018.

Explicaremos as figuras acima. Devido seu tamanho gráfico de elaboração,  $1.867 \times 1.200$  mm, requerido para absorver todas as informações necessárias e continuar legível, não é possível reproduzi-las na íntegra. O que se pode observar no recorte à direita são os níveis regionais que servem de gestão para o poder público. Enquanto CE representa a região administrativa do Centro, CE 1, 2, 3 e 4 representam uma primeira divisão interna. O principal foco de nossa análise aqui se dá na microrregião CE 3.3 (de limite verde inferior/direita e roxo superior/esquerda).

Já o recorte à esquerda mostra, como diz o título, os modelos urbanos para Pelotas, onde se vê a região denominada Cidade Histórica, em roxo, e Expansão da centralidade, em laranja. Ambas nomenclaturas já permitem extrair aproximação com a(s) ambiência(s) do local. Primeiramente, e mais óbvio, o aspecto *histórico*. É neste polígono roxo onde começa a cidade de Pelotas, onde ela é fundada. Já o segundo termo dá conta, justamente, do processo histórico decorrente, a expansão dessa área central. Aqui a teoria explica muito bem o fenômeno, é o caminho processual das manchas

urbanas, conforme demonstra a análise de Lobato Corrêa em seu clássico “O espaço urbano” (Corrêa, 1989).

A centralidade principal, ou a “Área Central” (*ibidem*, p. 37-39) de uma cidade se confunde com o local de origem da mesma, e deste primórdio decorre sua primeira expansão, o aumento dessa área, mas que ainda não se modificou nem é grande o suficiente para ser algo outro, substancialmente distinto. Ainda estamos falando da “zona periférica do centro” (*ibidem*, p. 40-44). É somente depois que ocorrerá a descentralização e o surgimento de centro secundários e áreas especializadas.

Pois bem, ambas as manchas expressam esses dois momentos iniciais do assentamento urbano, e revelam, justamente por isso, aspectos interessantes. O evidente traçado xadrez em toda área roxa, e quase toda porção exatamente adjacente, revela um *sítio urbano* (Clark, 1991)<sup>10</sup> bastante característico. Tal traçado foi possível pela incrível horizontalidade presente. Pelotas é um município, e muito mais significativo ainda a cidade, muito plano, marcada pela baixa altimetria, diversas lagoas, ao menos uma laguna<sup>11</sup> e muito solo arenoso. Apesar de possuir parte de seu limite administrativo na franja da formação do Escudo Sul-rio-grandense, a porção sudeste se localiza no sistema de Lagunas-barreiras, característico de toda a unidade geomorfológica Planície Costeira do Rio Grande do Sul. É nesta segunda porção que encontramos a cidade (Silva; Rehbein, 2018). Complementando, o tecido urbano se localiza basicamente entre planícies, com cota de até 4 metros, e terraços, chegando aos 29 metros. Enquanto isso, o declive oscila do plano ao suave ondulado (Rehbein, Silva & Dutra, 2021). Ou seja, a variação entre o nível do mar e o terraço mais alto é pouco sentida, pois não há alteração brusca na altimetria.

Tudo isso compõe o sítio geográfico da cidade de Pelotas, e em particular de seu Centro, sítio este que lhe permitiu nascer e crescer como uma quadricula perfeita, desenho ortogonal condizente com a modernidade, época em que se organiza a disciplina urbanística, assim como tantas outras (inclusive a própria Geografia). “O principal traço da morfologia urbana de Pelotas era o desenho de suas largas ruas, *um extenso ‘tabuleiro de xadrez’ situado na porção mais elevada de uma planície [...]*” (grifo nosso; Soares, 2000, p. 186)<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Hoje em desuso e até mesmo em certo esquecimento, o sítio geográfico, ou somente sítio, foi importante conceito nos primórdios da geografia e da morfologia urbana. Representa a localização de dada área bem como sua manifestação física/material. Em tal coordenada, com tal relevo, vegetação e clima. A descrição como ferramenta metodológica aqui é forte.

<sup>11</sup> Estamos aqui fazendo referência à Lagoa dos Patos, que apesar de levar Lagoa no nome trata-se, de fato, de uma laguna: porção litorânea, de água salobra, que se comunica com o mar através de um canal.

<sup>12</sup> A Freguesia de São Francisco de Paula é alçada da sua condição de vila à cidade em 1835, quando recebe o nome atual, Pelotas. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/placeage/cidade-de-pelotas/>. Acesso em maio 2024.

Tal morfologia é completada por um clima subtropical úmido – Cfa (Rehbein; Silva; Dutra, 2021), ou seja, verão acima de 22°C e invernos acima de 3°C, chuvoso o ano inteiro. Especialmente o aspecto úmido acompanha o pelotense e seu entorno com enorme intensidade. As influências do El Niño e da La Niña acabaram por coroar a localidade ora com extremos de um lado climático, ora de outro. O naturalista Saint-Hilaire (2002) relata, em sua viagem pelo estado e ao passar pelo Rio Pelotas, que o clima se assemelha ao da Europa (p. 119), com destaque especial para presença do vento (*ibidem op cit*), fenômeno forte e constante.

É nesse contexto que se formam as ambiências atuais. A presença colonial da arquitetura ainda é muito presente na área central da cidade, apesar das construções que já descaracterizam o aspecto histórico. Contudo, a presença ortogonal e por óbvio ainda plana mantém experiência próxima daquilo que vivenciou Saint-Hilaire. Os “ventos encanados” (assim chamados localmente porque sopram de ponta a ponta das ruas por sua retilinearidade) continuam a castigar os habitantes, enquanto a significativa presença dos sobrados nos mostra as rugosidades na paisagem (Santos, 2008), ou seja, as marcas ainda presentes de um tempo pretérito.

Hoje o Centro Histórico é predominantemente localidade de serviços. Lojas de toda sorte, e muitas de mesma finalidade, preenchem o bairro. Transeuntes apressados percorrem os caminhos entre elas e as paradas de transporte público. O Mercado Público mantém seu caráter público e, especialmente, popular. Serve também, claramente, de placa giratória, assim como a Praça Pedro Osório, circundada pela prefeitura, a biblioteca e o teatro municipais.

**Figura 3** - Mercado Público (centro/esquerda) e Prefeitura Municipal de Pelotas (direita)



Fonte: Google Street View



A imagem acima, além de servir de exemplificação dos locais mencionados e de sua função na dinâmica cotidiana do Centro, presta-se para algo mais. Também demonstra as rugosidades do bairro, especialmente ao fundo onde podemos ver um plano cinza, liso, que é a lateral de uma construção com uma loja no primeiro piso, e atrás uma torre espelhada. Ironicamente esta torre pertence ao Banco do Brasil, ou seja, o próprio poder público descaracterizando o bem comum e a história da cidade.

**Figura 4** - Praça Pedro Osório



Fonte: Google Street View

Às costas do observador anterior, de frente para o Mercado, temos a Praça Pedro Osório (como pode inclusive ser lida no pequeno mapa no canto inferior esquerdo da imagem). A construção colonial rosa, ao lado da Prefeitura, é a Biblioteca Municipal, aberta ao público, local de estudos, de encontro e de eventos no segundo piso. Cabe observar que a própria forma arredonda da praça, em suas arestas, nos dá ideia de mobilidade. O mesmo acontece com os caminhos diagonais que lhe atravessam. Sem dúvida ela é a principal placa giratória do Centro Histórico.

O calçadão *peatonal*, nas Rua XV de Novembro, 7 de Setembro e Andrade Neves, serve de local para pedestres cruzarem em segurança, descansarem e se encontrarem, seja por eventos combinados ou atravessamentos ao acaso. As descidas marcadas a partir da Rua Gonçalves Chaves “quebram”, à Leste, a ambiência plana do miolo do Centro, demarcando-o em direção à região do Porto. O mesmo acontece também no cruzamento da Rua Félix da Cunha com Tiradentes (ver figura 5, sendo que está última segue até a orla do Canal São Gonçalo. O que torna evidente que esta região, do Porto, sofre influência muito mais direta deste corpo d’água, seja pela companhia ainda mais acentuada do vento, seja pelos acúmulos de água precipitada nas vias, seja pela preocupação com o

transbordamento do próprio Canal. Ainda assim, no mapa de Modelo Urbano o Porto aparece como Centro Histórico e Expansão, demonstrando como a morfologia ortogonal e as edificações coloniais e horizontais, bem como o sentimento de proximidade, ainda permanecem.

**Figura 5** - Descida do Centro em direção ao Porto.



Fonte: Google Street View

Enquanto via de acesso externo é obrigatório mencionar a Avenida Bento Gonçalves, que remonta ao limite norte da parte histórica da cidade, distante apenas duas quadras da Catedral Metropolitana, marco da fundação original de Pelotas (Soares, 2000). A Rua Saturnino de Brito, que corta a Linha Férrea à Oeste do bairro, serve de acesso desde a rodovia estadual RS 473 e conecta este município com o de Rio Grande (mais ao sul, situado no deságue da Lagoa dos Patos com o mar). Costeando a área central do Centro tem-se a Rua Almirante Barroso, que o acompanha em sentido N-S e serve de importante trânsito para acessar o miolo do bairro (o Mercado, o calçadão, a Praça Pedro Osório e as ruas Deodoro e Osório).

Em termos de fluxo interno, as ruas Marechal Deodoro e General Osório conectam o limite sul do bairro com o norte, e, portanto, com a Av. Bento Gonçalves. Concentram inúmeras paradas de ônibus, inclusive com corredor próprio, diversas lojas importantes e fornecem fluxo rápido de automóveis por suas múltiplas pistas. São, em si mesmas, ambiências próprias dentro da ambiência maior. Em termos de fluxo Leste/Oeste é difícil priorizar alguma rua, pois todas assumem importância similar e dizem respeito mais sobre a intenção particular de cada passante. Nestas predominam o piso de paralelepípedo, passeios extremamente estreitos, para apenas uma pessoa, e extremamente altos em relação à via automotiva.



O Centro Histórico apresenta, pelo menos, três placas giratórias importantes. O Mercado e a Praça adjacente, bem como o Chafariz “As três meninas”, no cruzamento do calçadão entre a Andrade Neves e a 7 de Setembro. Todos convergem e dispersam passantes em todos os sentidos cardeais. Outras duas praças podem ser citadas, a Cipriano Barcelos, onde está o Pop Center (camelódromo) e a Piratinino de Almeida, onde está a famosa caixa d’água escocesa e o Hospital Santa Casa.

Em todo Centro são marcantes as altas calçadas (passeio), inclusive algumas com argolas de ferro, que eram pontos de amarrar cavalos, e os ladrilhos hidráulicos portugueses. A escassa arborização e a enorme presença de fiações caracterizam também a paisagem do Centro Histórico de Pelotas.

## COREMA DA ÁREA DE ESTUDO

A seguir consta um dos múltiplos dispositivos possíveis (Iconoclasistas, 2013)<sup>13</sup> para se trabalhar representação espacial. Este foi produzido a partir tanto das andanças pela urbe quanto, e principalmente, a partir do texto aqui apresentado. Visando situar a pessoa leitora do que é descrito, utilizamos da técnica de coremas (Brunet, 2021). Esta técnica originada na geografia teórica-quantitativa passou por uma reapropriação posterior, sendo utilizada ainda como modelagem, é verdade, mas menos como modelo. Ou seja, menos na perspectiva de prognóstico fechado como é característico dos planejamentos “duros” (Souza, 2011) e mais como ferramenta de representação que auxilie o texto e ajude a leitora no seu próprio processo de compreensão<sup>14</sup>.

A ideia central que move os coremas é libertar a geografia dos mapas convencionais. Neste sentido, ainda que seja assunto para desenvolver em outro momento, cabe destacar a similaridade desta proposta com os chamados “geo-cartóides”, ferramenta daquilo que a escola russa denominou metageografia, ou, ainda, como disse o conhecido geógrafo teórico William Bunge, *metacartografia* (1962)<sup>15</sup>. Estas tentativas têm como principal objetivo explorar o mundo da representação, torná-lo fértil para além do terreno das coordenadas e formas exatas. Não é ousado

<sup>13</sup> Dispositivos múltiplos são “creaciones y soportes gráficos y visuales que, mixturizados con dinámicas lúdicas, se articulan para impulsar espacios de socialización y debate, que son también disparadores y desafíos en constante movimiento, cambio y apropiación” (Iconoclasistas, 2013, p. 7)

<sup>14</sup> Para ver uma aplicação coremática em leituras regionais no Brasil, ver Thery (2007). Para outro exemplo de aplicação em geografia urbana, ver Soares de Lima (2016b).

<sup>15</sup> Para uma exposição mais delongada deste texto de referência, bem como uma proposta metodológica de metageografia, ver Soares de Lima (2022).

dizer que cada um à sua maneira rompe com o aspecto empírico-positivista das representações gráficas, enquanto *equivalentes* da realidade, como sendo o Real, de R maiúsculo<sup>16</sup>.

Mais que qualquer outra coisa, os coremas são potente ferramenta para transmitir *sensações*, pois priorizam expressar os *movimentos* daquilo que é representado. Mesmo ao alocar o limite entre duas regiões, sempre há expressão que denota se tal contato é de repulsão, atração, troca, conflito... As nuances entre linhas curvas, áreas hachuradas, setas, tamanhos diferentes entre os símbolos, tudo isso compõe o corema em sua transmissão de informação.

Para elaborar tal dispositivo gráfico utilizou-se de uma imagem de satélite da ferramenta Google Earth. Sobre ela foi traçado um esboço do que se queria representar para, posteriormente, elaborar o corema em si. Cabe destacar que a imagem foi declinada do Norte para propiciar uma leitura “retilínea” da área. Abaixo consta tal esboço, enquanto na figura 7 está o produto coremático.

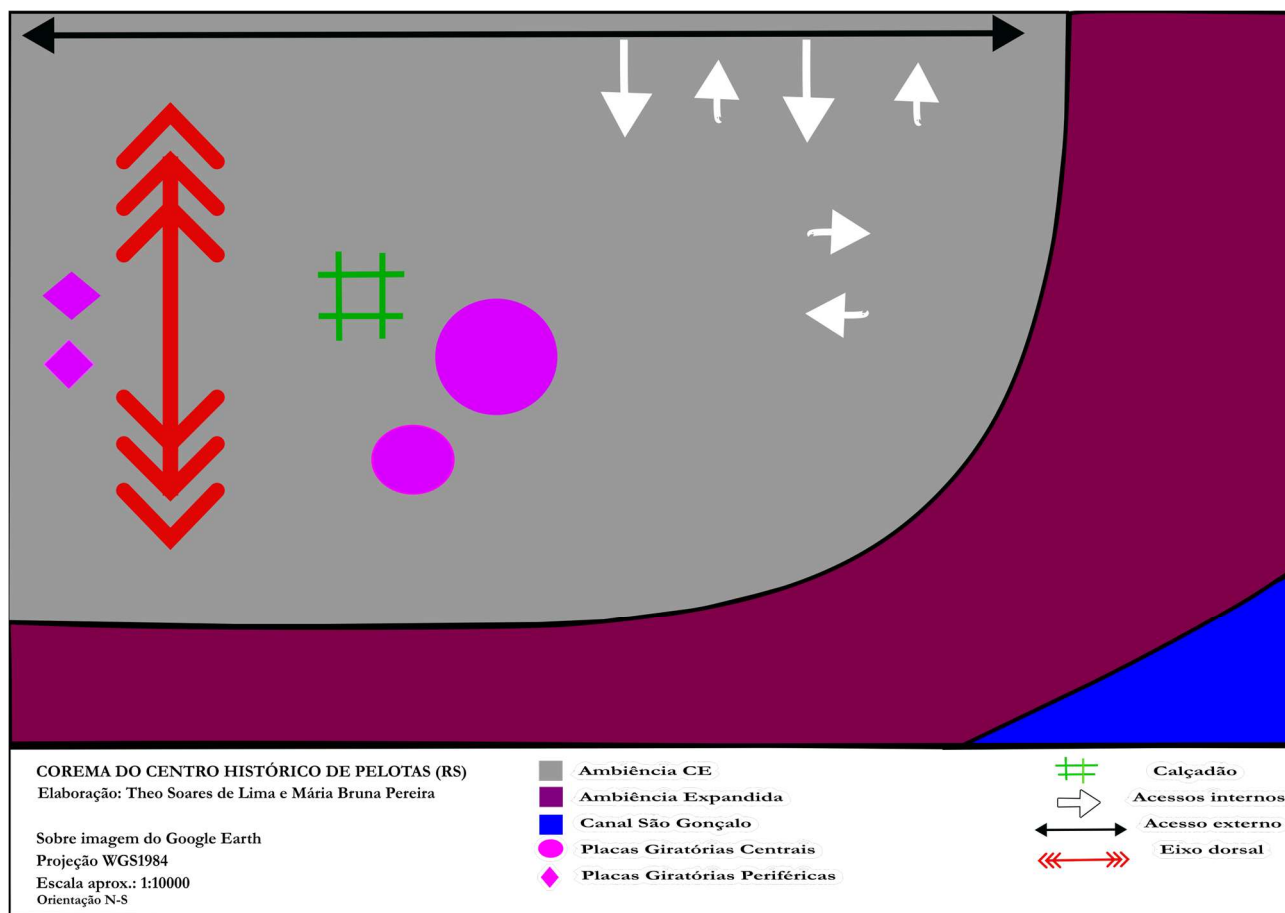
**Figura 6** - Esboço psicogeográfico



Fonte: elaboração própria

<sup>16</sup> Ainda que, obviamente, Bunge seja um teórico e esteja preocupado com *modelos*, sua perspicácia é potente para muito além disso, e não é à toa que busca outras formas que não da cartografia tradicional.

**Figura 7 - Corema do Centro Histórico de Pelotas**



Fonte: elaboração própria

Conforme dito, os coremas têm como principal intuito demonstrar a dinâmica da área em questão. Mostrar seus movimentos, suas nuances. Aqui não se escapa disso. Com foco na psicogeografia, as duas regionalizações da área são, portanto, a ambiência central (com o perdão do trocadilho) e sua área expandida. Assim como no mapa Modelo Urbano do Plano Diretor, aqui também mantivemos essa distinção aproximativa de sentidos, ou seja, com uma área mais significativa, ou de “identidade própria”, e uma área adjacente que é sua espécie de continuação. Ela já não é aquela área central, mas ainda carrega suas características. Neste caso, temos respectivamente a mancha cinza, central, e a mancha bordô, que representa a ambiência expandida (onde o traçado ortogonal, terreno plano e edificações coloniais, por exemplo, permanecem constantes na paisagem). No canto inferior direito, a mancha azul representa o Canal São Gonçalo, e mantém o observador atento da presença da água sobre a área, seja em sua constante ameaça de enchente, seja na relação de sustento com a pesca, seja pela neblina e ventos produzidos pela diferença de radiação entre o corpo d’água e a superfície terrestre.

Enquanto dinâmicas de movimento propriamente, ou as vias de acesso, como denominaram os *situs* em suas pesquisas psicogeográficas, temos alguns apontamentos. A seta vermelha em duplo sentido demonstra a importância magnânima das vias Deodoro e Osório dentro da dinâmica da área. Uma cortando o bairro em sentido Norte e a outra em sentido Sul. Optou-se pela seta nos dois sentidos simultaneamente para mostrar como, na verdade, as duas vias se complementam e acabam formando um único corredor de mão dupla. Seu tamanho na imagem cumpre função hierárquica na representação de sua importância.

Já as setas menores, preenchidas de branco, representam as dinâmicas internas “menores”, ou seja, os múltiplos e constantes deslocamentos que atravessam o bairro em todos os sentidos e, no fim, por todas as ruas. Da mesma maneira, seu tamanho diminuto representa uma hierarquia inferior na intensidade de deslocamentos. Ao mesmo tempo que servem menos para atravessar o bairro de “ponta a ponta”, é sua conexão intrincada que permite o denso movimento por todo tecido do Centro. Nenhuma destas setas internas menores têm o objetivo de ser uma rua em particular. Já a flecha preta contínua no topo da imagem representa especificamente a Av. Bento Gonçalves, mencionada na descrição realizada anteriormente neste artigo. Ela é a principal via de acesso externo ao bairro, pois contempla todas as ruas de acesso interno da área, em seus diferentes sentidos de tráfego. Além disso, serve como imponente marco psicogeográfico, fronteira de um certo “Centro até ali” de um resquício que vai enfraquecendo conforme se cruza a avenida e se prossegue ao norte.

Quanto às placas giratórias temos duas distinções que devem ser atentadas. A primeira é a diferença entre ícones, um círculo e um diamante. Os círculos compõem as placas giratórias centrais (de novo, com o perdão do trocadilho), e são mais importantes na dinâmica interna e, principalmente, externa da área. As duas placas periféricas, em diamante, portanto, o são tanto no sentido de área (de estarem mais à margem), mas também no sentido de deslocarem menos passantes do ponto de vista externo. As conexões centrais convergem maior movimento, proveniente de toda cidade (e até mesmo de fora, quando se pensa em termos de ponto turístico, por exemplo) em seu dia a dia e especialmente no fim de semana (devido ao lazer).

A segunda distinção é hierárquica entre as duas placas centrais, com predominância da Praça Pedro Osório. Por seu traçado radial ela serve aos passantes em todas as direções cardinais. Sua forma de arestas arredondadas se presta também aos veículos, que têm nela uma referência de rotatória. Além disso é no seu entorno que estão a Prefeitura, a Biblioteca Municipal, o Teatro Municipal, o Museu da UFPEL, o Museu do Doce de Pelotas, o Grande Hotel Pelotas e, inclusive, uma estátua de Simões Lopes Neto, sentado em um dos bancos. Natural da cidade e importante escritor regionalista,

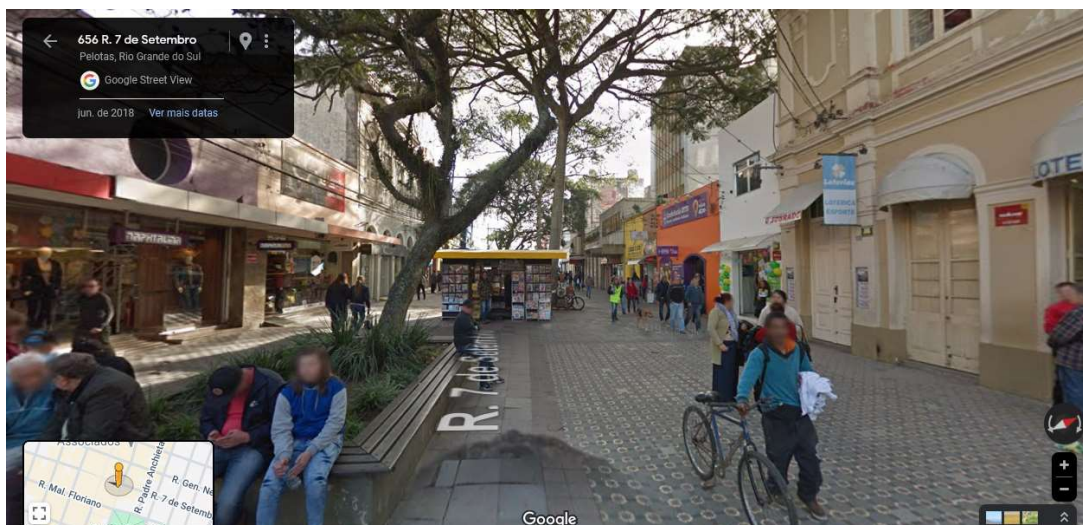
é ele o autor de “Contos gauchescos e lendas do Sul” (1998). Na praça ainda acontece uma feira de artesanato aos finais de semana, além de ser utilizada como importante ponto de encontro e convivência. Nela também acontece, por exemplo, a Feira do Livro da cidade.

Ainda que o Mercado também possua seus méritos, tanto é que aparece como uma placa central, parece ser mais um objetivo em si do que servir como *plaque tournante* propriamente dita, ou seja, uma área que se presta a ser um importante ponto de *convergência e dispersão de circulação*. Sua força, neste sentido, é bem mais centrípeta que centrífuga, diferente da praça que parece apresentar certa equivalência entre ambas forças. Vale ressaltar, entretanto, a importância do Mercado na dinâmica cotidiana da cidade, sendo local de encontro boêmio, de oferta de serviços de alimentação (lancherias, peixarias, cafés, lojas de chá, etc), produtos regionais e, ainda, de rodas de samba.

Por fim, o “jogo da velha” entre as placas centrais e a seta vermelha tem dupla finalidade de representação. Primeiramente, por sua localização no corema, enuncia o famoso Calçadão da cidade, principal local de deslocamento de pedestres pelo Centro justamente por sua exclusividade *peatonal*. Em segundo a cor verde, que se dá pelo fato da considerável presença arbustiva, inclusive de grande porte, apesar do piso de concreto e suas construções diretamente no limite do passeio (uma vez que o calçadão é ele mesmo uma larga e contínua calçada). Além de importante sombra nas horas e meses de intenso sol, esta arborização serve como local de parada pelos bancos que possuem em seu contorno. Em um Centro pouquíssimo arborizado fora de suas praças, tal chama atenção. Em terceiro lugar, o traçado visa representar as linhas ortogonais tão citadas do Centro Histórico de Pelotas. Vale dizer que o calçadão em si não é dessa forma exata, sendo mais próximo de um “h” minúsculo. Mas, como dissemos, não é objetivo do corema ser um dado positivo.



**Figura 8 - Calçada**



Fonte: Google Street View

## CONCLUSÃO

O presente artigo apresentou, inicialmente, a evolução do movimento cultural presente na Europa, e especialmente na França, em meados da década de 50/60 do século passado. Isto almejou apresentar o movimento Internacional Situacionista e suas ideias e críticas da cidade de então. Observando que suas percepções ainda são frutíferas, realizamos tal resgate aliado a trabalhos anteriores que demonstram a validade desta percepção. Foram expostos, assim, seus principais conceitos/noções, assim como aquilo que foi desenvolvido a partir deles. Servindo de inspiração para o agora, realizou-se a aplicação dessas ideias para o Centro de Pelotas.

Atentos em não defender uma visão estritamente peculiar do ambiente (ou seja, que partisse somente da visão dos autores), foram mobilizadas referências bibliográficas para caracterizações do sítio geográfico da área central de Pelotas, bem como apresentadas imagens, fotos e mapas que pudessem exemplificar o enunciado. A opção de utilizar imagens retiradas do *Google Streetview* em vez de um acervo próprio advêm de alguns fatores, dentre eles o fato de que tais imagens pela forma de seu registro sempre nos colocam num ponto de mirada que traz a sensação de estar imerso na paisagem como um passante efetivo. O segundo aspecto é sua possibilidade de conferencia e exploração posterior por parte do leitor, que pode acessar por conta própria o que é apresentado e prosseguir daí. Por fim, as imagens do *Street View* trazem consigo um pequeno mapa no canto inferior esquerdo, que ajuda a localizar o ponto no seu entorno bem como mantém o logradouro no canto superior esquerdo ajudando a situar com precisão o observador.



Já a produção coremática própria, além de ancorar a descrição, serve de demonstração do que foi apropriado pelos autores em suas derivas e simples deslocamentos rotineiros, almeja também reforçar a importância de a geografia se aliar às mais diversas maneiras de representação possíveis. Ainda que os mapas tenham acompanhado o saber geográfico desde a antiguidade, e até hoje permaneçam importante instrumento deste campo, é igualmente necessário frisar como a cartografia não só percolou outras áreas e tem sido cada vez mais mobilizada por saberes não-específicos (por exemplo, em inúmeras reportagens jornalísticas, de excelente produção gráfica diga-se de passagem, como o Jornal Nexa), como ela própria é uma disciplina independente, desde a época em que a Geografia também se institucionaliza e se formaliza academicamente. Assim, cabe a nós simultaneamente defender um instrumento que é legado histórico como também explorar as mais diversas maneiras gráficas de se representar o espaço. Não é novidade dizer que grandes nomes como Humboldt e Reclus também eram excelentes desenhistas, e que tais produtos foram inclusive mobilizados em suas obras.

Prosseguindo. Os estudos de ambiências urbanas servem tanto de crítica quanto de proposição ao planejamento das cidades. Evidenciam seus problemas e potencialidades. Os locais de acesso, por exemplo ajudam a entender a dinâmica de fluxos da localidade para melhor atendê-los futuramente. Espaços de encontro que sofrem com algum tipo de sufocamento podem ajudar a impedir esse enfraquecimento da apropriação cotidiana, e, por oposição, reforçar o encontro como algo nevrálgico na vida pública. As placas giratórias visam apontar os principais nós de transporte de uma determinada área, priorizando aquilo que cada particularidade demanda. Nesse sentido, as ambiências extrapolam o local e demandam pensar regionalmente (enquanto um centro de transbordo de duas cidades próximas como Pelotas e Rio Grande, por exemplo).

Enfim, este artigo é, somente, um primeiro momento de aproximação com a paisagem do município, partindo de sua área mais significativa. Futuras pesquisas almejam desdobrar e ampliar o que aqui consta. Afinal, fazer-se derivante é algo a ser levado para a vida, e sempre há psicogeografias por fazer nesse espaço que não cessa de ser produzido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADERNA, M. Apresentação. In. **Situacionista**: teoria e prática da revolução. São Paulo: Conrad Editoria do Brasil, 2002, p. 9-24.

BOURDIEU, P. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Revista Estudos Avançados**, v. 27, n. 79. São Paulo: USP, 2013.

BUNDGE, W. Theoretical Geography. In. **General And Mathematical Geography No. 1**. Sweden: The Royal University of Lund, 1962.

CESAR, V. Urbanismo 1:1. In. KUNSCH, G. (org). **Urbânia 3**. São Paulo: Editora Pressa, 2008, p. 112-114.

CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana**. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 1991.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

DEBORD, G.-E. O declínio e a queda da economia espetacular mercantil. In. **Situacionitas: teoria e prática da revolução**. São Paulo: Conrad Editoria do Brasil, 2002.

DEBORD, G.-E. Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições e organização e de ação da tendência Situacionista Internacional. In. JAQUES, P. (org.), **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 63-59.

GROSSMAN, V. **A arquitetura e urbanismo revisitados pela Internacional Situacionista**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2006.

HOME, S.. **Assalto à cultura: utopia, subversão e guerrilha no século XX**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

ICONOCLASISTAS. **Manual de mapeo colectivo**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

IS, Internacional Situacionista. Questões preliminares à construção de situações. In. JAQUES, P. (org.), **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 62-64.

LE CORBUSIER. **Carta de Atenas**. São Paulo: Hucitec, 1993.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

NETO, S. L. **Contos gauchescos e lendas do Sul**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1998.

PREFEITURA DE PELOTAS. **Plano diretor**, 2018. Disponível em <https://pelotas.com.br/servicos/gestao-da-cidade/plano-diretor>. Acesso em maio. 2024.

REHBEIN, M.; SILVA, A. R. E.; DUTRA, D. S. Cartografia morfológica do relevo do Município de Pelotas (RS). In. **Revista Geografar**, v. 16, n. 2, 2021, p. 531-554. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/geografar/issue/view/3124>. Acesso em maio 2024.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EdUSP, 2008.

SAINT,-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

SILVA, A. R. E.; REHBEIN, M. O. Análise e mapeamento geomorfológico da área de influência da planície costeira de Pelotas (Rio Grande do Sul/Brasil). In. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, v. 19, n. 3, 2018, p. p.567-585. Disponível em <https://rbgeomorfologia.org.br/rbg/article/view/1342/386386397>. Acesso em maio 2024.

SOARES, P. R. R. Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX. **Revista Anos 90**, v. 8, n. 14, 2000, p. 184–201. Disponível em Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX | Anos 90 (ufrgs.br). Acesso em maio 2024.

SOARES DE LIMA, T. **Caminhos urbanos à Deriva**. Trabalho de Conclusão de Curso. 234 Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/55551>. Acesso em maio 2024.

SOARES DE LIMA, T. **Ensaio sobre a vida cotidiana**. Passos e tropeços de uma pesquisa psicogeográfica. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Geografia. Porto Alegre, 2015. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/128940>. Acesso em maio 2024.

SOARES DE LIMA, T. Dos recortes do espaço à instrumentalização da geografia. In: HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. (Org.); **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016a., p. 229-248. Disponível em [www.lume.ufrgs.br](http://www.lume.ufrgs.br). Acesso em maio 2024.

SOARES DE LIMA, T. Sobre derivas, coremas e paisagens. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 43, n. 2, 2016b, p. 208-231. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/59062>. Acesso em maio 2024.

SOUZA, M. L. **Mudar a cidade**: introdução ao planejamento e gestão críticos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.